

Resumo e análise da obra:

Memórias de um Sargento de Milícias - Manuel Antônio de Almeida

O romance de Manuel Antônio de Almeida, escrito no período do romantismo, retrata a vida do Rio de Janeiro no início do século XIX e desenvolve pela primeira vez na literatura nacional a figura do malandro.

Memórias de um Sargento de Milícias surgiu como um romance de folhetim, ou seja, em capítulos, publicados semanalmente no jornal *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, entre junho de 1852 e julho de 1853. Os folhetins não indicavam quem era o autor. A história saiu em livro em 1854 (primeiro volume) e 1855 (segundo volume), com autoria creditada a “Um Brasileiro”. O nome de Manuel Antônio de Almeida aparecerá apenas na terceira edição, já póstuma, em 1863.

PERSONAGENS

Leonardo – protagonista que garante unidade à narrativa. O sargento de milícias a que se refere o título da obra é Leonardo, embora o personagem obtenha esse cargo somente nas últimas páginas do livro.

Leonardo-Pataca – pai de Leonardo, um meirinho (oficial de Justiça) que fora vendedor de roupas em Lisboa e, durante sua viagem ao Brasil, conhece Maria das Hortaliças, o que resultará no nascimento de Leonardo.

Maria das Hortaliças – mãe de Leonardo, uma saloia (camponesa) muito namoradeira, que abandona o filho para ficar com outro homem.

O Compadre (ou Padrinho) – é dono de uma barbearia e toma a guarda de Leonardo após os pais abandonarem a criança. Torna-se um segundo pai para ele.

A Comadre (ou Madrinha) – mulher gorda e bonachona, apresentada como ingênua, frequentadora assídua de missas e festas religiosas.

Major Vidigal – homem alto, não muito gordo, com ares de moleirão. Apesar do aspecto pachorrento, era quem impunha a lei de modo enérgico e centralizado.

Dona Maria – mulher idosa e muito gorda, não era bonita, mas tinha aspecto bem-cuidado. Era rica e devotada aos pobres. Tinha, contudo, o vício das demandas (disputas judiciais).

Luisinha – sobrinha de dona Maria. Seu aspecto, inicialmente sem graça, se transforma gradualmente, até se tornar uma rapariga encantadora.

Vidinha – mulata de 18 a 20 anos, muito bonita, que atrai as atenções de Leonardo.

ENREDO

Por ser originariamente um folhetim, publicado semanalmente, o enredo necessitava prender a atenção do leitor, com capítulos curtos e até certo ponto independentes, em geral contendo um episódio completo. A trama, por isso, é complexa, formada de histórias que se sucedem e nem sempre se relacionam por causa e efeito.

“Filho de uma pisadela e de um beliscão” (referência à maneira como seus pais flirtaram, ao se conhecer no navio que os conduz de Portugal ao Brasil), o pequeno Leonardo é uma criança intratável, que parece prever as dificuldades que irá enfrentar. E não são poucas: abandonado pela mãe, que foge para Portugal com um capitão de navio, é igualmente abandonado pelo pai, mas encontra no padrinho seu protetor.

Esse é dono de uma barbearia e tem guardada boa soma em dinheiro. A origem pouco digna desse capital – o barbeiro desviou a herança que um capitão moribundo deixara à sobrinha – só será revelada posteriormente. A fórmula “arranje-me” sintetiza, no romance, a explicação dada pelo barbeiro para a posse do dinheiro. O autor acaba por dizer que muitos “arranjei-me”, equivalentes ao atual “jeitinho brasileiro”, se explicam assim, e estende essa representação de sua história a toda a sociedade da época.

As aventuras e desventuras de Leonardo, que o autor faz desfilarem diante dos leitores com dinamismo, conduzem o protagonista a apuros dos quais ele sempre se salva, graças a seus protetores. Leonardo é um personagem fixo no romance, suas características básicas não mudam.

TEMPO

A história se passa no começo do século XIX, ocasião em que a família real portuguesa se refugiou no Brasil. Por isso, o romance tem início com a expressão “Era no tempo do rei”, referindo-se ao rei português dom João VI. Essa fórmula também faz referência – e isso é mais relevante para entender a estrutura do romance – aos inícios dos contos de fada: “Era uma vez...”

NARRADOR

Apesar do título de “memórias”, o romance não é narrado pelo personagem Leonardo, e sim por um narrador onisciente em terceira pessoa, que tece comentários e digressões no desenrolar dos acontecimentos. O termo “memórias” refere-se à evocação de um tempo passado, reconstruído por meio das histórias por que passa o personagem Leonardo.

ORDEM E DESORDEM

Duas forças de tensão movem os personagens do romance: ordem e desordem, que se revelarão características profundas da sociedade colonial de então.

A figura do major Vidigal representa o polo que, na história, cuida da ordem: “O major Vidigal era o rei absoluto, o árbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que dava e distribuía penas e, ao mesmo tempo, o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua justiça não havia testemunhas, nem provas, nem razões, nem processos; ele resumia tudo em si (...)”.

A estabilidade social representa a ordem, enquanto a instabilidade se refere à desordem. Dessa forma, o barbeiro, completamente adequado à sociedade, ao revelar as origens pouco recomendáveis de sua estabilidade financeira, evoca no seu passado a desordem.

Personagens como o major Vidigal, a comadre, dona Maria e o compadre pertencem ao lado da ordem. Mas os personagens desse polo nada têm de retidão, apenas estão em uma situação social mais estável.

O polo da desordem é formado pelo malandro Teotônio, o sacristão da Sé e Vidinha. A acomodação dos personagens, tanto na ordem como na desordem, está sujeita a uma mudança repentina de polo, ou seja, não existe quem esteja totalmente situado no campo da ordem nem no da desordem. Não há, portanto, uma caracterização maniqueísta dos tipos apresentados.

O major Vidigal, por exemplo, um típico mantenedor da ordem, transgredir o código moral ao libertar e promover Leonardo em troca dos favores amorosos de Maria Regalada.

ROMANCE MALANDRO

Nos estudos sobre a obra, houve uma linha de interpretação que, seguindo as indicações de Mário de Andrade, e tendo como base o enredo episódico do livro, classificou o romance como uma manifestação tardia do “romance picaresco”, gênero popular espanhol medieval dos séculos XVII e XVIII.

O gênero picaresco – do qual o mais ilustre representante é o romance *Lazareto de Tormes* – caracteriza-se por narrar, em primeira pessoa, os infortúnios de um pícaro, um garoto inocente e puro que se torna amargo à medida que entra em contato com a dureza das condições de sobrevivência. Por isso procura sempre agradar a seus superiores. O pícaro tem geralmente um destino negativo, acaba por aceitar a mediocridade e acomodar-se na lamentação desiludida, na miséria ou num casamento que não lhe dá prazer algum.

Nenhuma dessas características está presente em *Memórias de um Sargento de Milícias*. Leonardo não é inocente. Ao contrário, parece já ter nascido com “maus bofes”, como afirma a vizinha agourenta. Também não é totalmente abandonado, tendo sempre alguém que toma seu partido e procura favorecê-lo.

Ele ainda desafia seus superiores, como o mestre-de-cerimônias e o Vidigal. Por fim, Leonardo não encontra um destino negativo, pois se casa com o objeto de sua paixão (Luisinha, a sobrinha de dona Maria), acumulando cinco heranças e granjeando uma promoção com o major Vidigal.

Existem, de fato, algumas semelhanças entre Leonardo e os personagens picarescos. Uma é a atitude inconsequente do protagonista, que o leva, por exemplo, a esquecer-se rapidamente de Luisinha ao conhecer Vidinha. Depois, o amor antigo retorna, mas nada dá a entender que não possa acabar novamente. Essas semelhanças, porém, são superficiais, por isso é problemática a classificação de *Memórias de um Sargento de Milícias* como romance picaresco. O que se vê é que Manuel Antônio de Almeida foge completamente ao idealismo romântico de sua época. Se há traços românticos em sua obra, eles estão no tom irônico e satírico que assume o narrador.

A conclusão possível é que estamos diante de um novo gênero nacional, que se constrói em torno da figura do malandro, personagem que tem influências popularescas, como Pedro Malasarte; mas é urbano e relaciona-se socialmente com as esferas da ordem e da desordem, já citadas. É mais apropriado, por isso, classificar essa obra como um “romance malandro”, de cunho satírico e com elementos de

fábula. Esse gênero frutificará em vários romances posteriores, como *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade.

Resumo

O narrador, baseando-se em uma história contada por um sargento de milícias aposentado, adota a postura de contador de histórias para narrar os costumes e acontecimentos de mais ou menos cinqüenta anos atrás. Logo, o narrador não viveu na época das estripulias de Leonardo.

I – Origem, nascimento e batismo - É a apresentação do protagonista Leonardo. O narrador, baseando-se na história que um sargento de milícias aposentado lhe contou, narra a vida e os costumes do Rio de Janeiro na época em que D. João VI esteve no Brasil, daí iniciar com: Era no tempo do rei. – volta a um passado não muito distante.

No Rio de Janeiro, na rua do Ouvidor, havia um local em que os meirinhos se reuniam, daí o nome o canto dos meirinhos, os meirinhos da época em que vivia o narrador, Segunda metade do século XIX, eram apenas uma sombra caricata daqueles do tempo do rei, gente temida e temível, respeitada e respeitável e a sua influência moral era a de formarem um dos opositos da cadeia judiciária; mas além da influência moral tinham também a influência que derivava de suas condições físicas, que é o que falta nos meirinhos de hoje (época em que vivia o narrador da obra), estes são homens como quaisquer outros, confundem-se com qualquer procurador, escrevente de cartório ou contínuo de repartição; já os da época do rei eram inconfundíveis tanto no semblante quanto no trajar: “sisuda casaca preta, calção e meias da mesma cor, sapato afivelado, ao lado esquerdo aristocrático espadachim, e na ilharga direita penduravam um círculo branco cuja significação ignoramos, e coroavam tudo isto por um grave chapéu armado. Nesta época ele podia usar e abusar da sua posição.

Após a comparação, o narrador chama o leitor para participar da narrativa, usando para isso, a primeira pessoa do plural: “Mas voltemos à esquina, à abençoada época do rei”, e lá apresenta-lhe a equação meirinha; um grupo de meirinhos conversando sobre tudo que era lícito conversar: vida dos fidalgos, fatos policiais e astúcias do Vidigal. No grupo destacava-se Leonardo-Pataca, uma rotunda e gordíssima figura de cabelos brancos e carão avermelhado; era moleirão e pachorrento; como era moleirão, ninguém o procurava para negócios e ele nunca saía da esquina, passava os dias sentado, tendo a sua infalível companheira depois dos cinqüenta, a bengala. Como sempre se queixava dos 320 réis por citação, deram-lhe o apelido de Pataca.

Cansado de ser o Leonardo algibebe de Lisboa viera ao Brasil e não se sabe por proteção de quem havia alcançado o posto de meirinho. Ainda a bordo do navio, conhecera Maria da hortaliça, quitandeira das praças de Lisboa, saloia rechonchuda e bonita. Eles se conheceram quando ela estava encostada à bordo do navio e ele, ao passar, fingiu-se de distraído e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se como envergonhada do gracejo, e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda.

De beliscões e pisadelas, tornaram-se amantes e quando saltaram em terra ela começou a sentir certos enjoos. Os dois foram morar juntos e sete meses depois, manifestaram-se os efeitos da pisadela, nasceu o herói dessa história, um formidável menino de quase três palmos de comprimento, gordo e vermelho, cabeludo, esperneador e chorão. Assim que nasceu, mamou duas horas seguidas, sem largar o peito.

Os padrinhos de batismo foram a madrinha parteira e o compadre barbeiro, foi uma festança; o compadre trouxe a rabeca e todos dançaram o fado e apesar da dificuldade em encontrar pares, o minueto; Leonardo queria uma festa refinada, mesmo com dificuldade em achar pares. Levantaram: uma mulher gorda, baixa e matrona, sua companheira, cuja figura era a mais completa antítese da sua, um colega do Leonardo, miudinho e pequenino, com ares de gaiato e o sacristão da Sé, alto e magro, com pretensões de elegante.

Enquanto compadre tocava o minueto na rabeca, o afilhadinho acompanhava cada arcada com um guincho e um esperneio, fazendo o compadre perder, várias vezes, o compasso.

Aos poucos o minueto foi desaparecendo e a coisa esquentou, chegaram os rapazes da viola e machete; logo, a coisa passou de burburinho para gritaria e algazarra, que só parou quando perceberam que o Vidigal estava por perto.

A festa acabou tarde. A madrinha foi a última a sair, mas antes colocou um raminho de arruda no pimpolho.

II – Primeiros infortúnios - O narrador, mais um vez, inclui o leitor na narrativa, chamando-o para pularem alguns anos desde o batizado do herói e irem encontrá-lo com sete anos, mas antes avisa que durante todo esse tempo o menino não desmentiu aquilo que já se anunciava, ou seja, desde o nascimento já atormentava: ainda bebê era o choro, mas assim que se pôs a andar era um flagelo, quebrava e rasgava tudo o que podia; o que mais gostava era do chapéu do pai e sempre que podia por-lhe as mãos, punha-lhe dentro tudo o que encontrava. Quando não traquinava, comia. Maria não lhe perdoava, tanto que o menino trazia uma região do corpo bem maltratada, mesmo assim ele não se emendava, era teimoso, suas travessuras recomeçavam mal acabava a dor das palmadas. Foi assim que o herói chegou aos sete anos.

Como a mãe, Maria, sempre fora saloia, o pai, Leonardo, suspeitava de que estava sendo traído, pois por diversas vezes viu um certo sargento se esgueirando e enfiando olhares curiosos janela adentro. Outras vezes estranhou que um certo colega sempre ia procurá-lo em casa; mas o mais grave foi, não só deparar-se várias com um certo capitão do navio de Lisboa junto de sua casa, como também, ao entrar em casa, vê-lo fugir pela janela. Não agüentou, cerrou os punhos e tremendo com todo o corpo, gritou: — Grandessíssima!..., em seguida, saltou sobre Maria. Ela saltou para trás, pôs-se em guarda e sem temer advertiu-o: — Tira-te lá, ó Leonardo!

Como a sua resistência, frente ao ódio de Leonardo, era inútil, começou a correr e pedir socorro ao compadre Barbeiro que ocupado, ensaboando a cara de um freguês, nada pôde fazer e ela, como única opção, encolheu-se em um canto.

O menino, no maior sangue-frio, enquanto rasgava as folhas dos autos que o pai havia largado ao entrar, assistia à mãe que apanhava.

Quando o pai estava se acalmando, viu a obra do filho e tornou a se enfurecer: suspendeu o filho pelas orelhas, fazendo-o dar meia volta; em seguida ergueu o pé direito e dizendo que o menino era filho de uma pisadela e de um beliscão, assentou-lhe em cheio sobre os glúteos, atirando-o a quatro braças de distância.

O menino ergueu-se rapidamente e em três pulos estava dentro da loja do padrinho; nem bem havia entrado, esbarrou na bacia de água com sabão que estava nas mãos do padrinho e acabou batizando o freguês com toda aquela água.

O afilhado apontou o problema e o padrinho, após desculpar-se com o freguês, resmungou: — Ham! resmungou; já sei o que há de ser... eu bem dizia... ora ai está!... e foi acudir o que acontecia.

Por estas palavras vê-se que ele suspeitara alguma coisa; e saiba o leitor que suspeitara a verdade. - Não se pode deixar de perceber nesse fragmento que o narrador conversa com o leitor, chamando-o para a narrativa.

O compadre já sabia o que estava acontecendo pois era comum, na época, espionar a vida alheia, logo, conhecia todas as visitas da comadre.

O barbeiro entrou na casa do compadre Leonardo e ao perguntar-lhe se havia perdido o juízo, ele respondeu-lhe Ter perdido a honra. Maria apareceu e sentindo-se protegida pelo compadre, pôs-se a zombar e a xingar toda a classe masculina; assim que acalmou o segundo “round” de murros, enquanto ela chorava em um canto, Leonardo, com olhos e bochechas vermelhas, juntou os papéis rasgados, a bengala e o chapéu e saiu batendo a porta. Era de manhã.

À tarde quando o compadre retornou à casa, decidido fazer as pazes com Maria, ela não estava mais lá, havia fugido com o capitão do navio de Lisboa.

Leonardo saiu sem falar nada e o pequeno ficou com o Compadre Barbeiro.

III – Despedidas às travessuras - O pequeno, enquanto se achava novato na casa do padrinho, portou-se com sisudez e seriedade, mas assim que foi se familiarizando com o novo ambiente, começou a pôr as manguinhas de fora; mesmo assim, o padrinho estava cego de afeição pelo menino, tanto que por pior que fosse a travessura do garoto ou mal-criação, ele achava graça dizendo serem atitudes ingênuas.

A atitude do homem era natural, visto que ele já tinha 50 e tantos anos, nunca tinha tido afeições; passara sempre só, isolado; era verdadeiro partidário do mais decidido celibato. Logo à primeira afeição que fora levado a contrair sua alma expandiu-se toda inteira, e seu amor pelo pequeno subiu ao grau de rematada cegueira.

Este, aproveitando-se da imunidade em que se achava por tal motivo, fazia tudo quanto lhe vinha à cabeça.

O menino era de fato endiabrado: várias vezes sentado na loja divertia-se em fazer caretas aos fregueses quando estes se estavam barbeando. Uns riam e outros se enfureciam, do que resultava que saíam muitas vezes com a cara cortada, com grande

prazer do menino e descrédito do padrinho. Outras vezes escondia em algum canto a mais afiada navalha do padrinho, e o freguês levava por muito tempo com a cara cheia de sabão mordendo-se de impaciência enquanto este a procurava; ele ria-se furtiva e malignamente. Em casa, nada ficava inteiro por muito; pelos quintais atirava pedras aos telhados dos vizinhos; sentado à porta da rua, entendia com quem passava e com quem estava pelas janelas, de maneira que ninguém por ali gostava dele. O padrinho, porém, não se dava disto, e continuava a querer-lhe sempre muito bem. Desempenhando o papel de pai, passava às vezes, as noites fazendo castelos no ar a seu respeito; sonhava-lhe uma grande fortuna e uma elevada posição, e tratava de estudar os meios que o levassem a esse fim. Queria o melhor para o menino, já que havia se arranjado na vida, pensava até em enviá-lo para Coimbra, (como um babeiro havia se arranjado na vida e conseguido dinheiro para isso, segundo o narrador, é assunto para outra história). Segundo o barbeiro, a melhor profissão para o menino seria a de clérigo.

Após ruminar por muito tempo essa idéia, certa manhã, uma Quarta-feira, chamou o pequeno, então com 9 anos, e disse-lhe que deveria se faltar de travessuras até o resto da semana, dali em diante, só aos domingos, após a missa. O pequeno levou a fala do padrinho ao pé da letra e achou que era uma licença ampla para fazer tudo o que quisesse, fosse bem ou mal.

Ao anoitecer, sentado à porta, o padrinho viu de longe um acompanhamento alumiado pela luz de lanternas e tochas e ouviu padres rezarem. Era a via sacra do Bom Jesus.

O menino quando viu aquilo, estremeceu de alegria, lembrou-se da fala do padrinho, “faltar-se de travessuras”; não perdeu tempo: misturou-se com a multidão, e lá foi concorrendo com suas gargalhadas e seus gritos para aumentar a vozeria. Com um prazer febril pulava, cantava, gritava, rezava e saltava, era um prazer febril; só não fez o que não tinha forças. Para ajudar ainda mais as estripulias, juntou-se com mais dois moleques e as estripulias foram tantas, que quando deu por si a via-sacra já havia retornado à igreja do Bom Jesus.

IV – A fortuna - Enquanto o compadre, procura o afilhado por toda a parte, o narrador, ao convidar o leitor para ver o que era feito do Leonardo, acaba chegando nas bandas do mangue da Cidade Nova, em uma casa coberta de palha da mais feia aparência, possuía dois cômodos e a mobília compunha-se de dois ou três assentos de paus, algumas esteiras, uma caixa enorme de pau que servia para várias coisas: mesa de jantar, cama, guarda-roupa e prateleira. Quem morava nessa tapera não era o Leonardo, mas sim um feiticeiro, um caboclo velho, que conforme crença da época, tinha por ofício dar fortuna. Não era só a gente do povo que acreditava, mas também muita gente da alta sociedade o procurava para comprar a felicidade pelo cômodo preço da prática de alguma imoralidades e superstições.

Dentre a gente do povo que o procurava em busca de fortuna, temos o Leonardo Pataca por causa das contrariedades que sofria com um novo amor. Era uma cigana que Leonardo conhecera logo após a fuga de Maria, isso porque ele era romântico - termo que na época do narrador significa babão, já na época de Leonardo

Pataca significava que ele não podia passar sem uma paixõzinha. Como a sua profissão rendia não lhe era difícil conquistar a posse do adorado, mas a fidelidade, a unidade no gozo, que era o que sua alma aspirava, isso não conseguira pois a cigana era tão saloia quanto Maria - da - Hortaliça, esta fugira com outro com a desculpa de saudades da pátria, mas a outra não eram saudades, o que fez Leonardo buscar meios sobrenaturais para consegui-la de volta, já que os meios humanos movidos por súplicas não funcionaram.

O seu desespero era tamanho que se entregou de corpo e alma ao caboclo da casa do mangue, além de contribuir com dinheiro, já ter sofrido fumigações de ervas sufocantes, tragar bebidas enjoativas; decorar milhares de orações misteriosas, que era obrigado a repetir muitas vezes por dia; tinha também que depositar quase todas as noites em lugares determinados quantias e objetos com o fim de chamar em auxílio, dizia o caboclo, as suas divindades; apesar de tudo isso a cigana resistia ao sortilégio. A última prova para a reconquista foi marcada para a meia-noite; à hora marcada Leonardo encontrou à porta, o nojento nigromante que não permitiu que ele entrasse vestido, obrigou-o a trajar-se à moda de Adão no paraíso e após cobri-lo com um manto imundo, abriu-lhe a entrada.

Lá dentro, após ajoelhar-se e rezar em todos os cantos da casa, Leonardo aproximou-se da fogueira, quatro figuras saíram do quarto e foram juntar-se a eles e todos dançavam sinistramente ao redor da fogueira quando de repente bateram levemente a porta e pediram para abri-la, isto fez com que todos de dentro se sobressaltassem: era o major Vidigal.

V – O vidigal - Nessa época ainda não estava organizada a polícia da cidade, portanto o major era rei absoluto, era o árbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era o juiz que julgava e distribuía a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua imensa alçada não havia testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; ele resumia tudo em si; a sua justiça era infalível; não havia apelação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas.

Exercia enfim uma espécie de inquirição policial. Entretanto, frente aos costumes e acontecimentos da época, ele não abusava muito de seu poder, e o empregava em certos casos muito bem empregado. Era um homem alto, não muito gordo, com ares de moleirão; tinha o olhar sempre baixo, os movimentos lentos, e voz descansada e adocicada. Apesar deste aspecto de mansidão, não se encontraria por certo homem mais apto para o seu cargo inquisidor.

O major Vidigal juntamente com uma companhia de soldados escolhido por ele rondavam a cidade a noite e a sua polícia durante o dia. Não havia um lugar em que a sagacidade do major não caçasse vagabundos.

Ele espalhava terror.

O som daquela voz que dissera “abra a porta” gerava medo nos integrantes da sala, era o prenúncio de um grande aperto, com certeza não conseguiriam escapar. Mesmo assim, o grupo pôs-se em debandada, tentaram sair pelos fundos, mas a casa estava cercada e todos foram pegos em flagrante delito de nigromancia.

O major por sua vez, já dentro da casa, pediu-lhes que continuassem com a cerimônia pois queria ver como era. Resistir era inútil, então, após hesitarem, recomeçaram ritual. Já fazia meia hora que dançavam andando ajoelhados, mas sempre que paravam o major pedia para continuarem. Muito tempo depois pararam, mas o major pediu-lhes para continuarem. Não agüentavam mais, mas o major pedia para continuarem. Muito, mas muito tempo depois, quando já se arrastavam, o major ordenou-lhes que parassem e pediu aos granadeiros para tocarem, o que fez os soldados arrancarem as chibatas e o grupo feiticeiro dançar muito mais.

Depois de reger a música para a frenética dança, o major Vidigal começou o interrogatório. Perguntou a ocupação de um por um e nada ouviu, até que chegou a vez do Leonardo Pataca, reconheceu-o e quando o pobre homem explicou-lhe o motivo de tudo aquilo, o major prontificou-se a curá-lo e arrastou-o para a casa da guarda no largo da Sé, era uma espécie de depósito que guardava os que haviam sido presos durante a noite até dar-lhes um destino.

Ao amanhecer, toda a cidade já sabia do ocorrido e Leonardo foi mandado para a cadeia o que fez os companheiros mostrarem-se sentidos, a princípio, para logo depois gostarem pois enquanto o colega estava preso eles seriam procurados para os negócios, era um concorrente a menos.

VI – Primeira noite fora de casa - Assim que deu por falta do afilhado, o compadre, todo aflito, pôs-se a procurar pela vizinhança, mas ninguém tinha notícias do menino. Lembrou-se então da via-sacra e pôs se a percorrer as ruas. Indagando, aflitoa, a todos que encontrava pela rua, o paradeiro do seu tesouro. Quando chegou ao Bom-Jesus, informaram-lhe terem visto três endiabrados que foram expulsos da igreja pelo . Essa era a única pista que tinha.

Retornou a sua casa e ao indagar novamente a vizinha, exasperou-se quando esta lhe respondeu que o menino tinha maus bofes e que a história não teria um bom final.

O pobre homem passou a noite em claro e decidiu, antes de pedir ajuda ao Vidigal, esperar mais um dia.

Enquanto o compadre dá esse prazo, o narrador conduz o leitor ao paradeiro do menino.

Junto com os emigrados de Portugal, veio também para o Brasil, a praga dos ciganos, gente ociosa e sem escrúpulos, tão velhacos que quem tivesse juízo não se metia com eles em negócios; quanto a poesia de seus costumes e crenças, deixaram do outro lado do oceano, trazendo para cá, apenas os maus hábitos. Viviam quase na ociosidade, não tinham noite sem festa. Moravam ordinariamente nas ruas populares e viviam em plena liberdade.

Os dois meninos, com quem o pequeno fizera amizade, eram de uma família dessa gente e acostumados à vida à toa, conheciam toda a cidade, percorriam-na sós. Após se conhecerem na via-sacra, carregaram o pequeno para a casa dos pais. Pelo caminho o menino ainda teve escrúpulos de voltar mas decidiu seguir os dois e ir até onde iriam. Lá , como era de se esperar, havia uma festa para o santo de sua devoção.

Daí a pouco começou o fado e o menino, esquecido de tudo pelo prazer, assistiu a tudo enquanto pôde; mas ao chegar o sono, reuniu-se com os companheiros em um canto e adormeceram, embalados pela música e sapateado.

Acordou sobressaltado e pediu aos companheiros que o levasse para casa.

Quando o padrinho ia recomeçar a busca, esbarrou no afilhado e ao interrogá-lo, ele respondeu que como queria que ele fosse padre, tinha ido ver um oratório.

O padrinho, não resistiu à ingenuidade do afilhado e sorrindo levou-o para dentro.

VII – A comadre - Vale agora falar um pouco de uma personagem que desempenhará um importante papel ao longo da história: é a comadre, a parteira e madrinha do memorando.

Era uma mulher baixa, gorda, bonachona, ingênua ou tola até certo ponto, e fina até outro. Vivia do ofício de parteira e de benzedeira. Era conhecida como beata e papa-missas.

O seu traje habitual era como já se esperava, igual ao de todas as mulheres da sua condição e esfera, uma saia de lila preta, que se vestia sobre um vestido qualquer, um lenço branco muito teso e engomado ao pescoço, outro na cabeça, um rosário pendurado no cós da saia, um raminho de arruda atrás da orelha, tudo isto coberto por uma clássica mantilha, junto à renda da qual se pregava uma pequena figa de ouro ou de osso.

O uso da mantilha era um arremedo espanhol e segundo o narrador era uma coisa poética pois revestia as mulheres de um certo mistério, realçava lhes a beleza, mas a mantilha das mulheres brasileiras era muito mais prosaico do que se podia imaginar, principalmente usadas por gordas e baixas. As mantilhas usadas nas brilhantes festas religiosas, nem se fala, pois a igreja tomava um ar lúgubre ao se encher daqueles vultos negros que se uniam e cochichavam a cada momento.

Apesar de tudo, a mantilha era o traje mais conveniente da época, posto que as ações dos outros era o principal cuidado de quase todos, era necessário ver sem ser visto. Funcionava como um observatório da vida alheia.

O fato de ser parteira, beata e curandeira, tomava-lhe muito tempo, tanto que fazia tempo que não via nem sabia nada do compadre, Leonardo, Maria e do afilhado, até que um dia na Sé, ouviu as beatas comentarem sobre Maria Ter apanhado de Leonardo, ter fugido com um capitão e o filho, um mal-educado, ter ficado com o barbeiro.

Ao ouvir a história, pôs-se rumo à casa do barbeiro, lá chegando questionou o fardo deixado para o homem carregar. Após Ter respondido ao interrogatório da comadre, pôs-se a defender o pequeno, dizendo ser sossegadinho, gentil e ter intenções de ser padre.

A comadre não concordou como compadre e retirou-se. A partir desse dia, a comadre sempre aparecia na casa do compadre. O padrinho, não desistindo de seus sonhos, pôs se a ensinar o ABC ao afilhado, que empacava no F. Após apresentar a

comadre, o narrador volta a informar o paradeiro de Leonardo.

VIII – O pátio dos bichos - No palácio del-rei, conhecido nos tempos do narrador como paço imperial, existia no saguão, uma saleta, conhecida com salão dos bichos, apelido dado em consequência de seu uso: Diariamente, passavam por ele três ou quatro oficiais superiores velhos, incapazes para a guerra e inúteis para a paz, eram pouco usados pelo rei, logo passavam ociosos a maior parte do tempo. Dentre eles, destaca-se um português, era tenente-coronel. A sua importância na história e que foi ele quem a comadre procurou para pedir a libertação de Leonardo.

Após ouvi-la, o velho colocou o chapéu armado, pôs a espada à cinta e saiu. Em breve, saber-se-á do resultado.

IX – O arranjei-me do compadre - Aqui, o narrador revelará alguns fatos da vida do compadre, até agora desconhecidos: o compadre nada sabia de seus pais ou parentes e quando jovem, achou-se na casa de um barbeiro, não sabia se estava lá como filho ou agregado; não só cuidava do barbeiro como também herdara dele a profissão.

Já adolescente, sabia barbear e sangrar sofrivelmente e como jamais conseguiria se manter com essa profissão, visto que o sucesso e fregueses cabiam ao seu mestre, saiu sem rumo. Como todo barbeiro é tagarela, conheceu um marujo que acabou colocando-o a bordo, como barbeiro e sangrador.

A bordo, ganhou fama quando sangrou e curou dois marujos doentes e com sua lanceta não deixou nenhum negro do carregamento morrer.

Poucos dias antes de chegar ao Rio, o capitão do navio adoeceu e nem com a Quarta sangria ele melhorou. Havia chegado a hora do capitão, não havia sangria que o salvasse. Moribundo e em segredo, o capitão, que confiava no barbeiro, entregou-lhe uma caixa, deu-lhe o endereço e pediu-lhe que entregasse a sua filha, em seguida disse que espiaria a sua tarefa lá do outro mundo. Pouco tempo depois, o capitão morreu. A partir daí, o barbeiro já não sangrava mais como antes e decidiu não embarcar mais. Quanto a história do capitão, sequer havia testemunhas então, o compadre instituiu-se como herdeiro do capitão. Foi assim que ele se arranjou na vida.

X – Explicações - O velho tenente-coronel, apesar de virtuoso, bom e de estar numa idade inofensiva, tinha um sofrível par de pecados da carne, tanto que aos 36 anos havia deixado em Lisboa, um filho. Aos 20 anos era um cadete desordeiro, jogador e insubordinado. Deixava o pai, um homem de respeito, desesperado.

Poucos dias antes de embarcar para o Brasil, em companhia de el-rei, o infeliz pai foi procurado por uma mulher velha, baixa, gorda e vermelha, vestida, segundo o costume das mulheres da mais baixa classe do seu país: um vestido de chita e um lenço branco, triangular sobre a cabeça e preso embaixo do queixo. Estava nervosa e agitada, seus lábios franzinos e franzidos estavam apertados um contra o outro, como se segurassem uma torrente de injúrias. Assim que chegou em frente ao capitão, era esse o posto do velho tenente-coronel na época, olhou-o com ar resoluto e enfurecido, fazendo-o, instintivamente, dar um passo atrás.

Ela, colocando as mãos nas cadeiras e chegando a boca bem perto do rosto do capitão, logo já se pôde deduzir: o problema era com o filho do capitão que pôs-se a namorar Mariazinha, filha da velha nervosa. Segundo a mulher, foi namoro pra lá, namoro pra cá e... brás!..

O capitão foi às nuvens. A mulher ainda afirmou que o rapaz havia prometido casamento a filha.

Após pensar um segundo, viu que não poderia deixar o filho casar-se com a filha de uma colareja e além do mais, o que ele ganhava como cadete não era suficiente para o rapaz sustentar uma família. Então, o capitão disse a mulher que pensaria no caso.

O capitão, em apuros, procurou a mulher e ofereceu alguma coisa para que ela se calasse e não estourasse.

Não deu para ele pensar muito no assunto pois havia chegado a hora. Então, deixando o filho aos cuidados de conhecidos, partiu.

Já no Brasil, anos depois, soube que a tal Mariazinha estava no Rio de Janeiro, em companhia de Leonardo. Era a Mariazinha, a famosa Maria-da-Hortaliça.

Sabe-se agora o porquê de o velho tenente-coronel prometer ajudar Leonardo: acontece que o velho, procurando satisfazer o seu escrúpulo de pai honrado, fazia o que podia pela moça que seu filho havia desonrado. Em segredo havia feito um trato com a comadre, ou seja qualquer necessidade que Maria-da-hortaliça sofresse, ele supriria, bastaria que a comadre o informasse.

Como a comadre o ajudava, ele deveria ajudá-la, é essa troca de favores que fê-lo, assim que falou com a comadre, dirigir-se à cadeia e após ouvir a história vinda da boca de Leonardo, dirigiu-se à casa de um amigo, um fidalgo.

Em poucas palavras o tenente-coronel pôs-lhe a par de tudo e o fidalgo prometeu ajudar.

O velho tenente-coronel, satisfeitíssimo pôs-se rumo à cadeia a fim de contar a novidade a Leonardo.

XI – Progresso e atraso - Após todas essas explicações, apresentações e origem dos personagens, o narrador volta a se concentrar no memorando, ou seja em Leonardo, afilhado do barbeiro, pois a última vez que fora mencionado estava encajado no F e agora já está no P, de novo empacado, mas o progresso do menino havia deixado o padrinho muito contente. O difícil era fazê-lo decorar o padre-nosso, em vez de dizer “venha a nós o vosso reino”, ele dizia : “venha a nós o pão nosso”. O maior suplício para o menino era ir à missa ou ao sermão.

Mesmo assim, enquanto todos viam em Leonardo um grande peralta, principalmente a vizinha, o padrinho não perdia as esperanças de vê-lo um clérigo.

Era a tal vizinha uma dessas mulheres que se chamam de faca e calhau, valentona, presunçosa, e que se gabava de não ter papas na língua: era viúva, e importunava a todo o mundo com as virtudes do seu defunto. Ela não perdia tempo em desmentir o vizinho em suas esperanças a respeito do afilhado.

Certo dia, o barbeiro não suportou mais, pois certo dia, ao chegar a loja, a vizinha, à janela, perguntou-lhe, em zombaria, onde estava o seu reverendo.

O barbeiro, vermelho, foi às nuvens e quando ela perguntou se o menino já sabia o padre-nosso, o homem não agüentou e exasperando-se respondeu-lhe que o menino já sabia e que ele o fazia rezar todas as noites para seu marido que estava dando coices no inferno.

A mulher retrucou e chamou-o de raspa-barbas. A discussão foi longe.

Quando o compadre perguntou a mulher o porquê de ele implicar tanto com uma criança que nunca havia lhe feito mal, ela respondeu que ele vivia jogando pedras no telhado, fazia-lhe caretas e a tratava como se fosse uma saloia ou mulher de barbeiro.

O menino ao ouvir tanto estardalhaço, pôs-se a porta e começou a arremedá-la. O compadre achou tanta graça que sentiu-se vingado e desatou a rir.

Enquanto a discussão termina, o narrador aproveita para informar que o barbeiro sabia da prisão de Leonardo mas não se importava.

Assim que o velho tenente-coronel colocou Leonardo na rua, decidiu tomar Leonardo para a sua proteção, acreditando que se conseguisse felicitá-lo, lavaria o seu filho do pecado; tanto que pediu à comadre que oferecesse ao compadre seu préstimo para o pequeno, chegou a pedir que o deixasse ir para a sua companhia.

O compadre recusou e disse que era a sua função, para tampar a boca da vizinhança, transformar o menino em gente.

XII – Entrada para a escola - Para evitar repetir a história das mil travessuras do menino, que exasperaram a vizinhança e desgostaram a comadre sem reduzir a amizade do barbeiro pelo afilhado, o melhor e informar que os progressos do menino agradavam o padrinho, pois o pequeno já lia, sofrivelmente e aprendera a ajudar na missa.

Preocupado com o futuro da criança foi procurar um mestre, Era este um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho, de carinha estreita chupada, excessivamente calvo; usava de óculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discípulos por dá cá aquela palha. Era um dos mais acreditados na cidade. O barbeiro entrou acompanhado do afilhado. Era Sábado, os bancos estavam cheios de crianças; os dois entraram exatamente na hora da tabuada cantada, uma espécie de ladainha de números, era monótono e insuportável, mas os meninos gostavam.

As vozes dos meninos, acompanhadas pelos passarinhos nas gaiolas, faziam uma algazarra de doer os ouvidos.

Na Segunda-feira, lá estava o menino, munido de sua pasta a tiracolo, a sua lousa e o seu tinteiro de chifre. Logo no primeiro dia levou quatro bolos o que o fez declarar guerra viva à escola.

Na saída, assim que viu o padrinho, disse-lhe que não voltaria mais à escola, não queria ter que apanhar para aprender.

O barbeiro ficou contrariado temendo que a maldita vizinha soubesse que o menino havia apanhado no primeiro dia de escola, mas o pequeno só concordou em retornar caso o padrinho falasse ao mestre para não lhe bater mais. O padrinho, a fim de persuadi-lo, concordou.

O menino entrou na escola desesperado e como não ficasse quieto ou calado, foi colocado de joelhos e nessa posição foi surpreendido atirando uma bolinha de papel nos colegas; resultado: doze bolos, o que fez o menino despejar sobre o mestre, todas as injúrias que sabia.

Segundo o barbeiro, os dezesseis bolos do primeiro dia deviam-se a praga que a vizinha deveria ter jogado, mas ele venceria.

XIII – Mudança de vida - Foi com muito sacrifício que o compadre conseguiu fazer o menino freqüentar a escola por dois anos, levando bolos todos os dias. Apesar de o mestre sustentar a fama de cruel, na verdade os bolos eram merecidos pois o menino era da mais refinada má-criação, sempre desobedecia a tudo que lhe era ordenado.

Não parava quieto.

Nunca uma pasta, um tinteiro, uma lousa lhe durou mais de 15 dias, era um velhaco que vendia aos colegas tudo o que podia. Ter algum valor, empregando o dinheiro que conseguia, do pior modo que podia.

No quinto dia de escola disse ao padrinho que já sabia ir sozinho, este acreditou e o afilhado, então somou mais um apelido ao de apanha-bolos-mor, era o de gazeta-mor.

O lugar que mais ficava quando cabulava aulas era a igreja da Sé, pois reunia-se gente e várias mulheres com mantilha, de quem tomara certa zanguinha por causa da madrinha. Lá, no meio da multidão, não o encontrariam se o procurassem.

Como não saía da igreja, fez amizade com um pequeno sacristão tão peralta quanto ele, conseguiam se comunicar apenas com troca de olhares.

Essa vida durou muito tempo, até que o padrinho voltou a acompanhá-lo. O menino decidiu que seria muito agradável acompanhar o colega sacristão, afogando em ondas de fumaça a cara da velha que chegasse mais perto e para isso comunicou ao compadre o seu desejo de freqüentar a igreja, tinha nascido para aquilo. Para o padrinho, foi a maior alegria quando ouviu o menino pedir que lhe fizesse sacristão.

Em poucos dias aprontou-se, e em uma bela manhã saiu de casa vestido com a competente batina e sobrepeliz, e foi tomar posse do emprego. Ao vê-lo passar a vizinha dos maus agouros soltou uma exclamação de surpresa a princípio, supondo alguma asneira do compadre; porém reparando, compreendeu o que era, e desatou uma gargalhada e ao chamá-lo de Sr. Cura, o menino respondeu-lhe que seria e haveria de curá-la.

Era aquilo uma promessa de vingança. O menino chegou à Sé impando de contente, a batina era como um manto real e foi na maior seriedade que entrou na função de sacristão. Já no dia seguinte, o negócio era outro: durante a missa cantada ele ficou com a tocha e o amigo, com o turíbulo, quando de repente, para infelicidade

da vizinha, a quem o menino prometera curar, sem pensar, colocou-se junto aos dois e bastou uma troca de olhar para se colocarem em distância e lugar conveniente: enquanto um, tendo enchido o turíbulo de incenso, e balançando-o convenientemente, fazia com que os rolos de fumaça que se desprendiam fossem bater de cheio na cara da pobre mulher, o outro com a tocha despejava-lhe sobre as costas da mantilha a cada passo plastradas de cera derretida, a mulher ao exasperar-se ouviu o menino dizer que estava lhe curando. Como a igreja estava apinhada de gente, ela teve que suportar o suplício até o fim. terminada a missa queixou-se ao mestre-de-cerimônias e os dois ganharam uma tremenda sarabanda.

XIV – Nova vingança e seu resultado - Apesar de os meninos não se importarem com a sarabanda, não perdoaram o mestre-de-cerimônias por tê-los humilhado em frente da vítima e resolveram desferrar e foi o caso assim: o pobre homem era um padre de meia idade formado em Coimbra na mais austeridade da igreja católica, poderia fornecer a Bocage assunto para um poema inteiro; pois apesar de, aparentemente, buscar por assunto a honestidade e a pureza corporal, a sua essência era sensual, fato que muitos ignoravam, mas os dois pequenos estavam por dentro de tudo, tanto que sabiam que o padre enviava recados e objetos a uma cigana, a mesma de Leonardo Pataca.

Já fazia três ou quatro dias que o padre não saía por estar decorando o sermão, um sacristão foi incumbido de lhe avisar quando chegasse a hora e os meninos não perderam tempo, o pequeno dirigiu-se à casa e após bater, perguntou, em voz alta, pelo sacristão.

A cigana mandou-o entrar e ele em vez de dizer nove, disse dez horas.

No dia seguinte, às nove em ponto, começou a festa e nada do pregador aparecer, o que fez um capuccino italiano, por bondade, oferecer-se para improvisar o sermão, já havia começado quando o mestre entrou e ambos começaram a disputar o púlpito. Assim que terminou, o mestre-de-cerimônias dirigiu-se ao menino que defendeu-se dizendo que a cigana com quem ele estava era testemunha de que ele havia dito que o sermão seria às nove. O Oh! Que soltaram foi geral, mas o homem desmentiu.

Terminada a festa despediu o menino que nem se importou.

XV – Estralada - Quando Leonardo já havia se esquecido da cigana, descobriu que ela era amante do mestre-de-cerimônias e resolveu procurá-la para salvar sua alma, mas ela disse ter sido procurada por vários meirinhos mas nenhum havia lhe agradado. Então, após ter desejado uma estralada para a mulher, retirou-se jurando vingança.

Dito e feito, contratou Chico-Juca que ganhava para dar pancada e o dia de colocá-lo em ação seria no aniversário da cigana. Após acertar tudo com o brigão, procurou o major Vidigal para falar sobre a festa. O plano deu tão certo que quando os soldados do Vidigal foram revistar o quarto, tiraram de lá, nada menos que o mestre-de-cerimônias em ceroulas, meias pretas e sapatos afivelados. Sem perdão, o padre foi para a casa da guarda.

XVI – Sucesso do plano - O mestre-de-cerimônias não chegou ao xilindró, pois o Vidigal quis apenas dar-lhe um susto. Como era de se esperar, a notícia correu rapidamente e logo depois, todo envergonhado, ele seguiu para casa.

Enfim, Leonardo e a cigana reataram o romance, para desgosto da comadre que tentava enfiar-lhe a sobrinha.

Já o ex-sacristão, para desgosto do compadre, ainda estava com o seu destino incerto.

XVII – D. Maria - Num dia de procissão, o barbeiro, o afilhado, a comadre e a vizinha dos maus agouros estavam hospedados na casa de D. Maria, uma mulher muito velha e muito gorda, era rica, religiosa e caridosa.

Lá, o menino ouviu a vizinha falando dele para a madrinha e como vingança, pisou na barra da saia da mulher que ao se levantar, rasgou em quatro palmos; a única atitude do barbeiro foi rir.

Ali, todos discutiam o destino do menino e ao saírem, D. Maria pediu ao compadre que voltassem para falarem sobre o menino.

XVIII – Amores - Alguns anos depois, o menino tornou-se um vadio-mestre, vadio-tipo, levando o padrinho ao mais completo desespero.

A comadre conseguiu o que queria, Leonardo Pataca havia se arranjado com a sobrinha.

D. Maria havia envelhecido sofrivelmente e era, na época, tutora de sua sobrinha que estava órfã.

As demais personagens continuam do mesmo jeito.

O memorando, agora adolescente, passou a ser tratado pelo nome, o mesmo do pai, Leonardo. O jovem estava apaixonado por Luisinha, a sobrinha de D. Maria.

Quando Leonardo a viu pela primeira vez, não conteve o riso: era já muito desenvolvida, porém ainda não tinha adquirido a beleza de moça: era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira.

Mesmo tendo rido de Luisinha, quando o padrinho anunciou a nova visita à D. Maria, o jovem pulou de alegria, foi o primeiro a ficar pronto e lá foram os dois para o seu destino.

XIX – Domingo do Espírito Santo - Como era Domingo de Espírito Santo, ao chegarem a casa de D. Maria, encontraram todos à janela.

Desta vez, ao ver a moça de branco e com os cabelos, penteados, não conseguiu rir, mas sim apreciar a figura da moça. Ela, por sua vez, continuava em seu inalterável silêncio e concentração.

Mais tarde, os quatro iriam ver os fogos.

XX – O fogo no campo - Luisinha estava atônita no meio de todo aquele movimento, mas Leonardo a puxava pelo braço.

Para deleite de Leonardo, após a queima de fogos, os dois voltaram de mãos dadas.

XXI – Contrariedades - Como aqui se faz e aqui se paga, chegou a hora de Leonardo pagar os seus tributos: o rapaz estava amando Luisinha, cujo comportamento voltara ao antigo estado de letargia, fato que fez o jovem sofrer grande contrariedade e fingindo desprezo que era despeito, murmurou um - que me importa!

A situação mudou só mudou de figura quando o padrinho e o afilhado depararam com um desconhecido na casa de D. Maria. Era um homenzinho de mais ou menos trinta e cinco anos, magro, narigudo e de olhar penetrante, recém chegado da Bahia; era o Sr. José Manuel. Quem olhasse para a sua cara via logo que pertencia à família dos velhacos. Era uma crônica viva e escandalosa, sempre que podia desfiava um discurso de duas horas sobre a vida alheia. Padrinho e afilhado, nutriam pelo homenzinho, desde a primeira vez que o viram, uma grande antipatia.

O pedantismo com que José Manuel tratava as duas era por um motivo muito simples: Luisinha era a única herdeira de D. Maria, assim, quem se casasse com a moça, daria-se bem.

XXII – Aliança - A presença de José Manuel desagradava aos dois homens, e ele já havia percebido que os dois não gostavam dele. Leonardo amava Luisinha e o padrinho via na moça um excelente meio de vida para o rapaz.

Tamanha era a preocupação do compadre que ele foi falar com a comadre que ficou de falar com D. Maria. Foi assim que se formou uma aliança entre o compadre e a comadre para derrotarem o concorrente de Luisinha.

XXIII – Declaração - Enquanto a comadre tecia planos para derrotar o rival do afilhado, este ardia em ciúmes. Para a sua sorte, Luisinha ignorava tudo e continuava indiferente.

Leonardo, por sua vez, temendo que o compadre e a comadre derrotassem seu rival e ele não pudesse entrar em combate, tentou agir por conta, mas cada vez que ficava a sós com Luisinha, dava-lhe um tremor de pernas que mal conseguia ficar de pé ou articular qualquer palavra. Certa ocasião, a moça estava em pé, perto da janela e ele se aproximou ficando como a uma estátua atrás dela, quando ela se virou, a única reação do rapaz foi a de fazer uma careta; por fim criou coragem e disse-lhe que a queria muito bem; esta por sua vez, ficou cor de cereja e desapareceu pelo corredor.

XXIV – A comadre me exercício - Leonardo-Pataca estava todo feliz, pois do seu relacionamento com Chiquinha, a sobrinha da comadre, nasceu uma pequerrucha, oposta ao irmão, pois era mansa e risonha.

XXV – Trama - Quando a comadre não estava ocupada fazendo partos, ocupava-se em desconceituar José Manuel para D. Maria. Então, começou a contar que uma moça muito rica, que vivia com a mãe orando no Oratório de Pedra, havia enchido uma meia preta com jóias e fugido com um homem, o mistério é que ninguém sabia quem era o tal; então, a comadre, aproveitando-se da curiosidade da outra, após fazê-la jurar não contar nada a ninguém, disse que o homem era José Manuel.

XXVI – Derrota - D. Maria ficou estupefada e a comadre satisfeita com o resultado. A fofoca foi interrompida pela chegada de José Manuel, que nem bem havia entrado e começou a falar que andava muito ocupado com uns arranjos mas não podia falar pois era segredo. As duas trocaram olhares significativos.

Luisinha, desde a declaração de Leonardo, sofreu mudanças significativas tanto física quanto psicológica, passou a erguer os olhos, a falar, a mover-se.

De tanto as duas senhoras cutucarem, José Manuel concordou em falar-lhes do seu negócio (não se pode esquecer de que ele era mentiroso) desde que elas fossem discretas; disse-lhes que havia sido chamado para ir ao palácio, mas assim que a comadre saiu D. Maria quis saber sobre a moça que ele havia roubado, mas o homem jurou e tresjurou que não tinha nada a ver com aquilo, mas D. Maria estava inflexível, resultado: José Manuel saiu na carreira.

XXVII – O mestre-de-reza - Depois do acontecido na casa da D. Maria, José Manuel reconheceu que tinha ali um inimigo e que o motivo seria a sua pretensão à mão de Luisinha, só faltava saber quem.

Rapidamente José Manuel pôs mãos à obra, ou seja, da mesma forma que Leonardo tinha seus protetores, ele teria um; para tanto, recorreu ao mestre-de-reza de D. Maria, que tinha fama de casamenteiro.

O mestre-de-reza entrou em ação logo à noite, pois enquanto conversava com D. Maria, disse-lhe que sabia quem havia roubado a moça.

XXVIII - Transtorno - Enquanto José Manuel agitava a casa de D. Maria, a vida de Leonardo agitava-se tristemente, pois o seu padrinho adoecera. Como D. Maria não conseguiu curá-lo, chamaram o velho da botica que prometeu curá-lo com umas pílulas. A comadre não gostou da idéia das pílulas, chegou até a franzir a testa, pois disse que nunca tinha visto quem as tomasse escapar vivo.

A comadre tinha razão até certo ponto, pois três dias depois o compadre morreu. Na casa do falecido, Leonardo, todos os amigos, vizinhos e conhecidos estavam em prantos.

Quando todos se foram, enquanto Leonardo e Luisinha conversavam, D. Maria e a comadre foram procurar o testamento do compadre e encontraram.

Leonardo era o herdeiro universal do padrinho; quando Leonardo-Pataca ficou sabendo, apresentou-se para tomar conta do filho, mas este não gostou pois lembrou-se do pontapé, mas mesmo assim teve que acompanhá-lo e encontrar-se com a irmã e Chiquinha.

Leonardo-Pataca não só cuidou do testamento como também ficou com tudo; não se pode esquecer-se de que além dos mil cruzados, tinha ainda aquele dinheiro do capitão do navio que ele “pegou”.

Nos primeiros dias tudo foram flores, a família estava novamente unida: Leonardo-Pataca, Leonardo, a irmã e a comadre.

Agora, somente Leonardo e a comadre continuavam as visitas à D. Maria.

A paz familiar durou pouco, pois Leonardo não simpatizava com Chiquinha e esta começou a emburrar com Leonardo, resultado: na casa era a maior balbúrdia.

XXIX - Pior transtorno - Leonardo, após ficar grande tempo na casa de D. Maria sem ver a amada, entrou em casa de mal com a vida e ao se sentar jogou a almofada de Chiquinha no chão; esta por sua vez chamou-o de namorado sem ventura e ele não se fez de rogado, espumando de cólera avançou em Chiquinha que disse-lhe Ter raça de saloio.

Como Leonardo-Pataca estava em casa foi acudir e armado do espadim embainhado, atirou-se sobre o filho, chegou D. Maria e apesar de tomar partido do jovem, a única coisa que pôde fazer foi sair à sua procura, pois o pai o havia expulsado de casa.

XXX - Remédio aos males - Após o carreirão que levara, o pobre rapaz, vagando pela cidade e pensando em Luisinha e no rival, chegou ao Cajueiro

Gargalhadas vindas de uma moita tiraram-no do devaneio, procurou e encontrou um grupo de moças e moços sentados em uma esteira jogando baralho.

Com o estômago roncando, ia se afastando quando um deles o chamou, era o seu antigo camarada, Tomás, aquele menino sacristão da Sé. Este apresentou-lhe a irmão, Vidinha, uma mulatinha de 18 a 20 anos, de altura regular, ombros largos, peito alteado, cintura fina e pés pequeninos; tinha os olhos muito pretos e muito vivos, os lábios grossos e úmidos, os dentes alvíssimos, a fala era um pouco descansada, doce e afinada. Por ser cantora de modinhas, pôs-se a cantar:

Se os meus suspiros pudessem

Aos teus ouvidos chegar,

Verias que uma paixão

Tem poder de assassinar.

Não são de zelos

Os meus queixumes,
Nem de ciúme
Abrasador;
São das saudades
Que me atormentam
Na dura ausência
De meu amor.

Leonardo ouviu a música boquiaberto e nunca mais tirou os olhos da cantora.

XXXI - Novos amores - Já na casa do amigo, enquanto o jovem, pensava em Luisinha, José Manuel e Vidinha, ouvia mais uma música da bela cantora:

Duros ferros me prenderam
No momento de te ver;
Agora quero quebrá-los,
É tarde não pode ser.

Este último passo acabou de desorientar completamente o Leonardo: reconheceu que havia se inclinado um só instante por Luisinha, mas estava apaixonado por Vidinha, mas eram duas irmãs com três filhos e três filhas que moravam numa mesma casa, logo, havia três casais de primos completos, mas dois gostavam de Vidinha, resumindo: Leonardo tinha mais dois rivais, mas sem Ter para onde ir, passou a noite ali.

XXXII – José Manuel triunfa - Enquanto a comadre procurava Leonardo por toda a parte, o jovem ouvia modinhas. Cansada, a comadre acaba indo à casa de D. Maria. Lá, tudo que a comadre falava do afilhado, defendendo-o, D. Maria não concordava, acusava-o; algo estranho acontecia: José Manuel, aliado ao mestre-de-rezas, venceram.

O velho conseguiu inocentar José Manuel e este tinha aprovação de D. Maria para ser pretendente de Luisinha.

XXXIII – O agregado - Algumas semanas depois, Leonardo já era agregado na casa de Tomás da Sé, mas certo dia, ao ser surpreendido abraçado com Vidinha, acabou se atracando com um dos enamorados pela moça.

Como parecia ser sua sina viver como o Judeu Errante, já ia se pondo a andar, quando a comadre o encontrou.

XXXIV – Malsinação - As três velhas, após longa conversa, tornaram-se amigas e a tormenta dos três briguentos cessou e a comadre, cada vez que tentava fazer o

afilhado voltar para casa, as duas velhas se metiam, até que, para a alegria de Vidinha, Leonardo resolveu ficar.

A comadre ia regularmente visitar Leonardo e as duas novas amigas. Tudo ia as mil maravilhas, porém os dois primos despeitados tramavam e tramavam algo.

Os dois colocaram o plano em ação no dia em que o grupo saiu para uma patuscada. Quando estenderam a esteira, surgiu o major Vidigal, que assim que chegou quis saber quem era Leonardo e assim que este se identificou, Vidigal o prendeu por vadiagem.

Segundo Vidinha, foi uma malsinação.

XXXV – Triunfo completo de José Manuel - Com o sumiço de Leonardo da casa de D. Maria, José Manuel teve espaço para agir a vontade, tanto que acabou ajudando D. Maria em uma demanda do testamento de Luisinha. Como já tinha adquirido a confiança da velha, aproveitou-se e pediu a moça em casamento.

Luisinha estava naquela idade do abatimento, entre 13 e 25 anos e como não via Leonardo há tempos, aceitou a proposta de forma indiferente.

Num Sábado à tarde, Luisinha e José Manuel casaram-se.

Ora, os leitores hão de estar lembrados da mania que tinha D. Maria por uma demandazinha; atirava-se a ela com vontade, e tal era o empenho que empregava na mais insignificante questão judiciária, que em tais casos parecia ter em jogo sua vida. Daqui se poderá concluir a satisfação que teria ela no dia em que se achava vencedora, e como se não julgaria obrigada a quem lhe proporcionasse a vitória.

José Manuel aproveitou-se disto; e no dia em que veio ler a D. Maria a sentença final que resolvia a pendência em seu favor, pediu-lhe a mão da sobrinha, a qual lhe foi prometida sem grandes escrúpulos.

XXXVI – Escápula - Enquanto o casal está no gozo tranqüilo da lua-de-mel e D. Maria faz cálculos aritméticos aconselhando a sobrinha, Leonardo, a caminho da cadeia, ao ouvir uma confusão, teve uma vertigem, seus ouvidos zuniram, deu um encontrão no granadeiro e fugiu. Pouco depois estava na casa de Vidinha.

Vidigal foi às nuvens, urrava; nunca nenhum garoto havia conseguido fugir. Jurara vingança.

XXXVII – O Vidigal desapontado - Todos riram quando o major Vidigal, após vasculhar uma casa, saiu de mãos vazias. Quando o major ia entrando na casa da guarda, a comadre atirou-se aos seus pés e em prantos pedia a libertação do afilhado.

Todos que a ouviam, riam e quando o major disse que ele havia fugido, ela saiu toda sorridente.

XXXVIII – Caldo entornado - Assim que a comadre chegou à casa de Vidinha, todos puseram-se a rir, mas após a alegria, a comadre começou a passar-lhe um sermão,

afirmando que Leonardo tinha que arranjar alguma ocupação, caso contrário cairia nas unhas do Vidigal.

Leonardo prometeu se emendar.

Poucos dias depois, a comadre arranhou-lhe um emprego de servidor na ucharia real.

O major, mordendo os beiços, não o perdia de vista.

Com o novo emprego, a despensa de Vidinha ficou abarrotada, ou seja ele tirava de l'a e abastecia a casa.

No pátio da ucharia morava um toma-largura na companhia de uma moça bonita. Acontece que o homem era extremamente bruto e Leonardo, na mais pureza dos sentimentos foi à casa da moça levar-lhe uma tigela de caldo. De repente a porta se abre, eras o toma-largura; a moça entornou o caldo, Leonardo pôs-se a correr e o toma-largura, atrás.

Daí a pouco ouviu-se barulho e gritos e Leonardo atravessar o pátio às carreiras.

No dia seguinte o Leonardo foi despedido da ucharia.

XXXIX – Ciúmes - No dia seguinte o Vidigal já sabia de tudo e pôs-se em alerta.

Em casa, Vidinha, enfurecida pelo ciúmes, pediu a mantilha da mãe para ir à ucharia falar com toma-largura . Leonardo que ouvia tudo, sem resultado pediu à moça que não fosse. No caminho, Leonardo deparou-se com o major e foi obrigado a acompanhá-lo.

XL – Fogo de palha - Enquanto Leonardo era obrigado a seguir o “seu destino”, Vidinha já estava na ucharia. Lá, disse à moça do caldo que ela não tinha sentimentos fez um desaforozinho ao toma-largura e saiu, sem saber que era seguida por ele.

XLI – Represálias - Em casa, enquanto Vidinha contava a sua aventura a todos, sentiram falta de Leonardo e reconheceram que este deveria estar com o Vidigal.

No dia seguinte, Tomás, que até então não havia tomado parte de nada na agitada casa, saiu para tomar as providências em favor do amigo.

Tomás foi à casa da guarda, mas não encontrou o amigo; procurou em outros lugares e nada. Sem opção, ele e os demais foram procurar a comadre que também pôs-se a procurar pelo afilhado e nada do moço.

Como Leonardo não dava notícias, acharam que ele estivesse escondido, resultado: Vidinha e os familiares passaram a odiá-lo.

O desaparecimento de Leonardo, aliado a visita que Vidinha fizera à ucharia, contribuíram para que ela visse, todos os dias, toma-largura duas vezes por dia.

Pouco tempo depois os familiares da moça já gostavam dele e ele passou a frequentar a casa.

Certo dia todos saíram para uma patuscada, mas toma-largura bebeu demais armou-se a confusão, o que gerou no aparecimento de Vidigal e dos granadeiros.

Quando um deles se aproximou para prender toma-largura, todos se surpreenderam; Leonardo havia se tornado um dos granadeiros de Vidigal.

XLII – O granadeiro - Como toma-largura estivesse bêbado, caiu estirado na calçada e o seu tamanho colossal, mas o fato de ser gente da casa real, fez com que os granadeiros deixassem-no ali.

Convém agora, um leve flash-back para saber como Leonardo se tornou um granadeiro. Foi simples, na noite em que fora preso, como o regimento do Vidigal estivesse precisando de soldado, reconheceu que Leonardo seria de grande ajuda, pois conhecia todas as bocas do Rio de Janeiro.

O problema é que sorrateiramente Leonardo aliava-se ao povo e ficava contra o major.

XLIII – Novas diabruras - Um dia o major anunciou que tinha uma grande e importante diligência a fazer. Era prender um banqueiro de jogo-de-bicho e cantor satírico e chamado Teotônio.

Onde havia festa ele era convidado. Por coincidência, Teotônio estava justamente na casa de Leonardo-Pataca, na festa de batizado de sua filha.

Leonardo fora incumbido de entrar na casa e dar sinal para que prendessem o homem, mas como o jovem era astuto, fez Teotônio livrar-se da prisão, saindo disfarçado de corcunda. Mais uma vez enrolara o Vidigal.

XLIV – Descoberta - Quando a patrulha do Vidigal estava batendo em retirada, um amigo de Teotônio, todo esfuziante, correu a abraçar Leonardo para agradecê-lo por ter enganado o major. O jovem granadeiro ficou estático e foi preso.

Enquanto caminha para o quartel, como será que estão Luisinha e sua gente?

Tudo eram rosas, mas pouco depois da lua-de-mel, José Manuel pôs as manguinhas de fora, de posse da moça e da herança, mudaram-se da casa de D. Maria.

Agora que os dois estavam sozinhos, ele se tornou um marido-dragão, não permitindo que a esposa sequer saísse à rua. A moça chorava pela liberdade.

Certo dia na missa, a comadre e D. Maria se encontraram e voltara a se falar. Uma falava das desgraças de Leonardo e a outra das de Luisinha.

Ambas, agora, teciam planos para a libertação de Leonardo.

XLV – Empenhos - Primeiro a madrinha foi falar com o major, mas sem resultado. Como o major era um pecador antigo, como última tentativa, a comadre e D. Maria foram falar com o grande amor de Vidigal, a Maria-Regalada.

Lá chegando puseram a mulher a par de tudo e as três, na cadeirinha, puseram-se rumo à casa do major.

XLVI – As três em comissão - Lá chegando, o major recebeu-as de rodapé de chita e tamancos, mas quando reconheceu as três, correu o mais que pôde para pôr a farda. Na pressa retornou à sala de farda, calças de enfiar, tamancos e um lenço de alcobaça nos ombros.

As três mulheres, chorando em um único coro, pediam a soltura de Leonardo, mas o major estava irredutível, até que Maria-Regalada chamou-o a um canto da sala e cochichou-lhe algo. Pronto, tudo mudou, Leonardo seria solto.

XLVII – A morte é juiz - Nem bem chegou à casa, D. Maria, toda atrapalhada, teve que sair. José Manuel havia morrido.

Luisinha pôs-se a chorar, mas como choraria por qualquer vivente, porque tinha coração terno. Isso bastou para que uma vizinha dissesse a outra que não eram lágrimas de viúva.

A afirmação era correta, pois José Manuel nunca fora marido de Luisinha, senão por conveniência.

À saída do enterro, os escravos fizeram a maior algazarra.

Ao entardecer, para espanto de D. Maria, Leonardo dentro na sala, estava livre das garras do major e ainda por cima, promovido a sargento.

Os olhos de Leonardo encontraram-se com os de Luisinha. Depois de conversarem com Leonardo estava de serviço, teve que se retirar.

XLVIII – Conclusão feliz - Luisinha e Leonardo haviam reatado o antigo namoro; namoro de viúva anda depressa.

Como sargento não podia se casar, foram a casa de Maria-Regalada pedir ajuda e lá encontraram o major em rodapé e tamancos. Este era o segredo que Maria-Regalada havia lhe cochichado.

Após conversarem o major concordou em dar baixa ao Leonardo; de sargento de tropas, seria sargento de milícias.

Pouco tempo depois, Leonardo e Luisinha, casaram-se. Daí por diante, aconteceu o reverso da medalha: Leonardo Pataca devolveu os bens do filho, D. Maria e Leonardo Pataca morreram e mais uma enfiada de acontecimentos tristes que convém poupar e ponto final.

Fontes:

http://guiadoestudante.abril.com.br/estude/literatura/materia_413965.shtml